

**UFSCAR – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CECH – CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
DL – DEPARTAMENTO DE LETRAS**

**ÉRICA FERREIRA MARTINS**

**#BlackLivesMatter, #StopAsianHate e BTS: reflexões sobre análise  
do discurso digital e movimentos sociais na Web**

**São Carlos  
2022**

ÉRICA FERREIRA MARTINS

#BlackLivesMatter, #StopAsianHate e BTS: reflexões sobre análise do discurso digital e movimentos sociais na Web

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos.

Orientadora: Lígia Mara Boin Menossi de Araújo

São Carlos  
2022

#BlackLivesMatter, #StopAsianHate e BTS: reflexões sobre análise do discurso digital e movimentos sociais na Web

Érica Ferreira Martins

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_.

## **BANCA EXAMINADORA**

---

### **Orientadora**

Profa. Dra. Lígia Mara Boin Menossi de Araújo  
UFSCar

---

### **Membro da banca**

Prof. Dr. Pedro Henrique Varoni de Carvalho  
UFSCar

## AGRADECIMENTOS

Escrever os agradecimentos é a parte mais difícil em um Trabalho de Conclusão de Curso, pois parece que minhas palavras aqui registradas não serão o suficiente. Para começar, quero agradecer ao tempo dedicado, à paciência e à motivação que recebi da minha orientadora e professora Lígia Mara Boin Menossi de Araújo.

Agradeço minhas amigas de curso Alice, Ana Flávia, Ester, Kethillin, Lauren, Rafaela e Vitória. Sem vocês os anos de graduação seriam mais difíceis, obrigada pela amizade.

Agradeço e dedico meu trabalho final aos meus pais Ivonete e Edmilson e à minha inestimável irmã mais velha Eriana. Sem o apoio e a confiança de vocês nada disso teria sido possível.

Por fim, mas não menos importante, agradeço profundamente a todos os ensinamentos e sentimentos bons que adquiri através do BTS. Às palavras de conforto e às amizades que conquistei dentro do *fandom*.

*“Temos sempre que viver apaixonadamente?  
Paixão é sempre igual a felicidade? Se realizar-se  
te faz feliz, então isso é ótimo, mas se você sente  
felicidade pelas coisas gentis, tudo bem também.”*

Yoongi Min

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como temática os movimentos sociais #BlackLivesMatter e #StopAsianHate em uma perspectiva permeada pelos discursos gerados pelo grupo sul-coreano BTS no Twitter. Nossa principal pergunta é: como essas duas hashtags constituem sentido como movimentos sociais na Web? Para isso, utilizamos como fundamentação teórico-metodológica trabalhos de Eni P. Orlandi (2020) e Marie-Anne Paveau (2021) acerca da Análise de Discurso e da Análise do Discurso Digital, respectivamente. Nossa hipótese é a de que as hashtags propagadas por um grupo específico é o que as tornam movimentos sociais, fato que se reafirma ao longo do trabalho por meio da teoria de que a replicabilidade e o uso das hashtags em conjunto com o deslocamento dos protestos para as ruas são resultados de uma intersecção entre os pré-discursos e a vivência dos indivíduos focos dos crimes de ódio e das violências.

**Palavras-chave:** Pré-discurso; Twitter; Movimentos sociais.

## ABSTRACT

This Final Paper has as its theme the #BlackLivesMatter and the #StopAsianHate social movements in a perspective through the discourses made by the South Korean group BTS on Twitter. Our main question is: how these two hashtags make sense as social movements on the Web? For this, we used as theoretical and methodological foundation articles by Eni P. Orlandi (2020) and Marie-Anne Paveau (2021) that runs out about Discourse Analysis and Digital Discourse Analysis, respectively. Our hypothesis that the hashtags propagated by a specific group is what make them social movements is reaffirmed throughout this paper through the theory that the replicability and the use of hashtags along with the displacement of those protests to the streets are the result of an intersection between pre-discourses and life experience of those who are the focus of hate crimes and violence.

**Key words:** Pre-discourse; Twitter; Social movements.

## LISTA

<b>Figura 1</b> - Manifestantes levantam cartazes com "Black Lives Matter" e "Hands up don't shoot" pelo assassinato de Michael Brown, em 2014.....	22
<b>Figura 2</b> - Black Lives Matter como hashtag. ....	23
<b>Figura 3</b> - Protestantes levantam cartazes de "All Lives Matter" e de apoio à polícia, em 2020. ....	24
<b>Figura 4</b> - Manifestantes levantam cartazes com "Stop Asian Hate" e "Asians are not viruses, racism is", em 2020.....	26
<b>Figura 5</b> - Tuíte com a hashtag #StopAsianHate.....	27
<b>Figura 6</b> - Yellow Peril supports Black Power.....	30
<b>Figura 7</b> - Tuíte do BTS sobre o BLM.....	32
<b>Figura 8</b> - Tuíte do BTS sobre o SAH.....	34

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
1. Análise de discurso e Análise do discurso .....	11
2. Análise do discurso digital .....	15
2.1 #Replicabilidade e Twitter .....	18
3. Movimentos sociais na web: racismo e xenofobia .....	19
3.1 #BlackLivesMatter .....	21
3.2 #StopAsianHate .....	25
4. #BTS; Branquitude, Twitter e Solidariedade antirracista .....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	35
REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA CONSULTADA .....	37



*“Você pode me disparar com suas palavras, pode me cortar com seus olhos, pode me matar com seu ódio, mas, ainda assim, como o ar, eu me levantarei.”*

Maya Angelou

## INTRODUÇÃO

Para a introdução deste Trabalho de Conclusão de Curso, tomei a liberdade de escrevê-la de forma pessoal e que foge dos padrões esperados já que o tema que será proposto aqui também segue essa mesma linha. Falarei sobre assuntos que cabem na minha existência e sobre quem a torna mais leve.

Relutei e repensei se eu deveria realmente utilizar o grupo sul-coreano BTS — que tanto amo — como base para a minha monografia, mas diante dos últimos acontecimentos e de julgamentos hipotéticos que eu tanto temia não fazia mais sentido não ser sobre uma das maiores contribuições deles.

Composto por sete homens asiáticos — sendo eles RM (Kim Namjoon), Jin (Kim Seokjin), SUGA (Min Yoongi), j-hope (Jung Hoseok), Jimin (Park Jimin), V (Kim Taehyung) e Jungkook (Jeon Jungkook) —, o grupo musical Bangtan Sonyeondan (ou BTS, como é mais conhecido) debutou no ano de 2013 onde faziam raps que quebravam o *status quo* da sociedade coreana da época. Mas, desde o começo da pandemia de Covid-19, o BTS desempenhou um outro papel importante: o combate do racismo e da xenofobia, seja com pessoas amarelas ou pretas.

Desde o ano de 2019, o Covid-19 e as máscaras não foram as únicas coisas que nos **sufocaram**, a intolerância já não mais velada andou lado a lado ao coronavírus. As únicas **armas** em nosso alcance foram nossos discursos recheados de ideologias e que se espalharam de forma **viral** para o mundo todo. Seguindo as ideias de Castells (2012), é possível dizer que essas armas são nossas conexões entre o ciberespaço e o espaço urbano, que tornam viáveis o desempenho de uma democracia proporcionada pela internet através de decisões e discussões tomadas coletivamente.

Para contextualizar, entre os anos de 2020 e 2021, enquanto a pandemia ainda era um problema global, houveram manifestações que se deram após atos de violência contra negros e asiáticos ficarem mais recorrentes e brutais. O BTS foi um grande porta-voz para sua própria comunidade e para quem sempre esteve silenciado e, juntos, desempenharam um grito em conjunto a outras pessoas contra aqueles que sempre estiveram no Poder e com o poder sobre os corpos racializados.

O mundo se uniu e transformou medo em indignação contra o que ainda carregamos como herança daquilo que virou estrutural: o ódio, a desigualdade entre

oportunidades, a aversão e a falta de dignidade na vida sobre a quem recaem as consequências da história da humanidade.

Este trabalho traz questões sobre esses dois movimentos sociais que ganharam nomes: Black Lives Matter e Stop Asian Hate, que tiveram início nas redes sociais e foram de encontro para as ruas.

Para fazermos um recorte, o material de análise contém dois tuítes produzidos pelo grupo musical sul-coreano que serão analisados por mim, uma pessoa também racializada, auto considerada preta e que carrega ideologias específicas (e individuais) sobre o tema.

Nossa hipótese é de que as hashtags propagadas e replicadas, principalmente por um grupo específico, constroem um movimento social em rede. Para isso, trabalharemos com a fundamentação teórica e metodológica baseada nas proposições da Análise do Discurso Digital por Marie-Anne Paveau, assim como suas ideias sobre a noção de pré-discurso.

Traçarei como objetivo o estímulo a um debate sobre esses movimentos sociais, como atingem os indivíduos racializados (focos das manifestações) e como constituem sentido na Web e fora dela — levando em consideração o local em que surgiram e, em contrapartida, o que pudemos observar no Brasil.

Aproveitando-me de uma frase recorrente dita por muitos fãs de BTS (os ARMYs<sup>1</sup>) de que sempre os conhecemos no tempo certo de nossas vidas, me dou a liberdade para dizer de que o mundo também teve seu tempo certo para vê-los com outros olhos e enxergá-los não apenas como cantores, mas também como símbolos de uma luta antirracista e anti-xenófoba.

## **1. Análise de discurso e Análise do discurso**

Neste item que se abre, traremos algumas ideias acerca da Análise de Discurso de orientação francesa porque, mesmo tomando as noções teóricas a partir da perspectiva da Análise do Discurso Digital (PAVEAU, 2021), é primordial estudar e entender o surgimento da Análise de Discurso e suas principais proposições que, de algum modo, influenciam o desenvolvimento dos trabalhos

---

<sup>1</sup> Nome do grupo de fãs do BTS, sigla para Adorable Representative M.C. of Youth (ou Adorável Representante M.C. da Juventude).

dentro dos estudos do discurso. Ademais, muitas vezes, ao se referir à Análise **de** Discurso, ocorre uma pequena confusão ao chamá-la de Análise **do** Discurso e essa adição acidental do artigo **o** é suficiente para que seu significado mude, isso porque o primeiro termo aborda o discurso num sentido mais amplo enquanto que o outro deixa a entender que é sobre um discurso específico, por exemplo, análise do discurso político, do discurso feminista, do discurso religioso e assim por diante.

Este trabalho se inicia com uma explicação porque é importante compreender com o que iremos trabalhar para assim entendermos qual foi a linha de pensamento para chegar até a conclusão dos discursos escolhidos para a análise (nosso *corpus*).

Sendo assim, a Análise de Discurso vai além de estudar a língua e suas estruturas, é uma disciplina que busca sentido no que é produzido, observa-se a palavra em movimento e a prática de linguagem. Em uma explicação mais direta, a AD — como chamarei a Análise de Discurso a partir de agora — observa o ser humano falando, sua base é o estudo do discurso.

Segundo o dicionário *online* do *site* da UOL, o significado de discurso é:

Discurso é toda situação que envolve a comunicação dentro de um determinado contexto e diz respeito a quem fala, para quem se fala e sobre o que se fala.

Quanto à fala, na narração pode vir de três formas: discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre.

Diferente do que vemos no significado dicionarizado de “discurso” que o ilustra como sinônimo de fala e mensagem, o sentido de “discurso” para a AD se define como o lugar de contato entre a língua e a ideologia. Por isso Pêcheux (1969) elucida discurso como “[...] efeito de sentidos entre interlocutores”, para o autor, a ideologia materializa o discurso assim como o discurso materializa a ideologia.

O estudioso do discurso não tem como objetivo construir novos sentidos, mas, entender os significados e os sentidos das produções feitas por quem fala não apenas através das palavras, mas também pelas condições determinadas pela sociedade e história em que o sujeito está inserido.

Para compreender mais o que a análise de discurso de orientação francesa propõe, precisamos voltar um pouco no tempo. A AD francesa irrompe nos anos 60,

no mesmo momento em que a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise ganham espaço. Em suma, a Análise de Discurso é herdeira dessas disciplinas.

Aqui, a Linguística contribui com seu objeto (a língua) como a afirmação de que ela possui sua ordem própria, o que dá gancho para a AD que procurava mostrar que a linguagem, o pensamento e o mundo não eram uma coisa só, cada um teria sua especificidade. A AD considera o materialismo histórico que, junto da língua, cria sentido (forma linguístico-histórica), o que vai de encontro com o Marxismo que compartilha dos conceitos de um materialismo histórico e dialético. Diferente do marxismo ortodoxo que não vê a língua como material, os linguistas marxistas buscam provar a materialidade da língua para mostrar que ela pode sim modificar as relações a partir dos discursos (ORLANDI, 2000).

A Psicanálise, por sua vez, contribui com o pensamento que desprende a noção de homem para a de sujeito (em que o sujeito é algo simbólico). O que acontece é que os estudos discursivos compreendem a língua como acontecimento e estrutura, dois fatores que não se separam, já que o acontecimento do significante (língua) afeta diretamente um sujeito por meio da história.

Para este trabalho, os conceitos trazidos sobre a Análise de Discurso são baseados na obra *Análise de Discurso: princípios e procedimentos* da professora Eni P. Orlandi (2000) que entende a AD como analítica, descritiva e reflexiva. O analista constrói uma hipótese com base em pistas fornecidas pelo dizer e pelo silêncio que também significa (o que não é dito, silencia o dizer). Desse modo, é uma ciência interpretativa e subjetiva que tenta entender o discurso a partir dessa perspectiva na qual o discurso produz sentido por meio da materialidade linguística que irá refletir (e refratar) a história, a ideologia e o inconsciente.

Assim, a Análise de Discurso trata da prática de linguagem em que se observa o sujeito falando, se analisa a língua fazendo sentido no que se constitui social e historicamente ao ser humano (que tem a capacidade de significar e significar-se). Porém, é importante frisar que o discurso não é sinônimo de “fala” como muitos associam. É preciso evitar essa confusão, pois o conceito de fala pode ser entendido de duas formas:

- por meio da dicotomia entre língua/fala proposta por Saussure, em que “fala” diz respeito ao funcionamento de um sistema (a língua) que se mantém e é constante;

- e do esquema elementar de comunicação (alguém fala, refere a alguma coisa baseando-se num código e o receptor capta a mensagem, decodificando-a), estudo de Roman Jakobson.

Numa perspectiva da AD sobre língua/discurso, se entende como língua uma condição de possibilidade para o discurso, isto é, não há uma separação estável entre os dois, as sistematicidades linguísticas são base para os processos discursivos. E se entende por discurso uma relação de sentidos afetados pela língua e história, que faz com que haja uma produção de sentidos e constituição de sujeitos, não somente uma transmissão de informação, já que a língua não é só um código em que um fala e o outro decodifica, os sujeitos realizam um processo de significação ao mesmo tempo (ORLANDI, 2000).

A AD reflete em como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua. Pêcheux (1975) afirma que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. No discurso, é possível observar essa relação entre língua e ideologia e como elas criam sentidos para e pelos sujeitos. Ademais, a língua não é considerada transparente, ou seja, não procura se entender o que o discurso quer dizer, mas sim o que ele significa. Na AD, então, se produz um conhecimento a partir do próprio discurso que é visto como uma materialidade simbólica e significativa.

A linguagem só é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história (ORLANDI, 2000, p.25)

Esses estudos visam compreender como um objeto simbólico produz sentido, cujas condições de produção necessitam dos sujeitos, da memória e da situação — contexto imediato, amplo, sócio-histórico e ideológico. Orlandi (2000) diz que a memória é tratada como interdiscurso, é definida como aquilo que fala antes e o que chamamos como “memória discursiva”, um saber discursivo que torna possível todo o dizer, que retorna como o já-dito e que determina uma lista de coisas a dizer a partir do já-dito e, conseqüentemente, se relaciona com o intradiscurso, que é a constituição do sentido e a sua formulação ou, em outras palavras, daquilo que se escolhe dizer. O sentido — que é onde queremos chegar — é extraído a partir

desses dois eixos: da memória (constituição) e do acontecimento (formulação). Esse interdiscurso é o que afeta o modo como o sujeito significa.

A memória continuará existindo mesmo depois de nós e não pertence ao indivíduo, é social. Assim que chegamos ao mundo, os discursos já circulam livremente, não somos a origem deles, sendo assim, para compreender melhor esse processo, Pêcheux (1975) desenvolve o que é conhecido como “esquecimento no discurso”. Há duas formas de esquecimento no discurso: o da ordem da enunciação que nos faz dizer de uma maneira e não de outra — modo de dizer diferentes, mas sentidos iguais, do aspecto da enunciação — e o esquecimento ideológico que dá a ilusão de que tal discurso é de origem do sujeito que reproduz (aspecto polissêmico), mas, na realidade, eles são determinados pela língua, pela história e pelo o que significam.

Por fim, a Análise de Discurso propõe que a linguagem seja responsável por construir ideologias e construir nossas relações e, por subsequente, é através dessa ideologia que o sentido dos nossos discursos aparece. A linguagem é social, mas cada um de nós é afetado diferentemente pelos seus efeitos e ideologias em que estamos inseridos. Nossa língua se constrói em nossas condições de produção (contexto) e adquirem sentidos diversos. Por exemplo, há dizeres que carregam suas condições de produção — como é com o *Black Lives Matter* ou *Vidas Negras Importam*<sup>2</sup> —, pois ficam na memória do sujeito e, com isso, ganham também uma historicidade.

Diante da exposição sucinta feita acima acerca de alguns dos principais conceitos da Análise de Discurso de orientação francesa que tem seu desenvolvimento já sedimentado no espaço científico brasileiro, afirmamos que essas são as bases as quais desenvolvemos nossa pesquisa. Todavia, os estudos do discurso têm suscitado outros questionamentos e olhares acerca da circulação discursiva na Web 2.0, assim, no próximo item iremos elencar alguns pontos sobre a Análise do discurso digital com o objetivo de trazer questões importantes para o estudo que ora empreendemos.

## **2. Análise do discurso digital**

---

<sup>2</sup> "Vidas Negras Importam" é a tradução literal para o movimento "Black Lives Matter" que ganhou reconhecimento no Brasil após a morte de George Floyd, nos Estados Unidos.

Agora que a Análise de Discurso foi introduzida, daremos sequência para o conceito da Análise do Discurso Digital, o foco deste trabalho. Aqui, trabalharemos com a teoria proposta por Marie-Anne Paveau (2021), linguista francesa que traz novos tópicos sobre a AD digital.

O primeiro ponto que merece destaque é sobre as diferenças entre os conceitos de Orlandi e Paveau e entender como as duas teorias apresentam perspectivas distintas em virtude de suas bases epistemológicas e de suas condições de produção. Podemos começar falando sobre o papel do sujeito em ambas as visões, Orlandi (2000) vê o sujeito descentrado, afetado pela língua e pela história e que não tem controle sobre o modo como elas o afeta. Por outro lado, para Paveau (2021), o sujeito não seria assujeitado, isso porque, de acordo com a noção de pré-discurso sugerida, a produção discursiva realizada pelo sujeito abrange seu próprio contexto, ambiente e cognição, ou seja, o sujeito sabe o que quer quando produz um discurso no digital.

O ponto crítico e importante, neste trabalho, é entender que somente com o auxílio da AD não é possível analisar e entender como a hashtag, o tecno-discurso e a tecno-palavra funcionam, por exemplo. A ADD (como chamarei a Análise do Discurso Digital) é a análise e descrição sobre como funcionam as produções tecno-linguageiras nativas (termo criado por Paveau para se referir às produções elaboradas online, no espaço digital e com ferramentas que a internet disponibiliza) da Web 2.0.

Segundo Merzeau (2009), a ascensão do digital é muito mais do que apenas um novo canal de circulação do discurso, é também a criação de um novo lugar que modifica diretamente as relações e estruturas. Paveau, em seu trabalho “Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas” (2021), completa a linha de raciocínio de Merzeau nos dizendo que isso é o que podemos chamar de revolução digital, pois, a internet e outras ferramentas informáticas, estão cada vez mais integradas em nossas existências, seja no social, no cultural, nas barreiras geográficas, na história ou política.

Esses discursos produzidos online que passam a serem chamados como “discurso digital nativo” por Paveau (2021) nos mostram que é preciso analisar a nova natureza linguageira por um todo e deixar de ver apenas por uma perspectiva dicotômica sobre a língua em si, é preciso entender que a materialidade linguística e discursiva está conectada ao ambiente tecnológico. Os discursos nativos digitais



correspondem a produções elaboradas pelos escreitores<sup>3</sup> online, com os espaços disponíveis e com as ferramentas propostas pela Internet (links, #, @).

Outro ponto que marca diferença entre a análise de discurso francesa e a digital é que, enquanto a AD olha para a materialidade linguística, a ADD é simétrica, isto é, discute as concepções logocêntricas encontradas na AD, confere o linguageiro e o não linguageiro e o tecnológico é colocado como algo tão importante quanto a linguagem dentro da análise. Para a Análise do Discurso Digital, a máquina e a linguagem são consideradas, ambas com o mesmo valor e com o entendimento de que todos os elementos presentes é o que constrói o sentido.

Uma das coisas que mais diferenciam os discursos nativos da internet de outros discursos é que o primeiro está diretamente ligado a uma rede de relações algorítmicas que garantem todo o funcionamento e a circulação desses discursos. Além de precisarmos deixar de lado a concepção dicotômica sobre a língua (ou logocêntrica, terminologia utilizada por Paveau (2021)), é preciso também abandonar a concepção de que a máquina é apenas uma ferramenta. O discurso digital nativo é co-construído a partir das determinações técnicas, logo se entende que o papel dos agentes não-humanos (as máquinas) também são reconhecidos nas produções linguageiras, sendo assim, reconhecidos por uma perspectiva ecológica e integrativa.

A noção de meio-ambiente é de grande relevância na análise do discurso digital, uma vez que procura dar conta dos aspectos tecno-linguageiros e tecno-discursivos. E, ainda, a imprevisibilidade dos conteúdos (gêneros, formatos) acessíveis a partir de um clique por parte do escreitor e a ampliação da própria enunciação propiciam a necessidade de se trabalhar com uma perspectiva ampla e aberta de natureza ecológica (PINTO, CORTEZ e FARIAS, 2021).

Para entender melhor o termo “ecológico”, pode-se afirmar que tal como na natureza cada ecossistema tem um modo próprio de funcionamento, cada elemento é importante para produzir aquele sistema. Ou seja, em uma analogia em que a natureza se equivale ao discurso produzido em um ambiente digital, temos que considerar todos os elementos responsáveis por essa funcionalidade.

---

<sup>3</sup> Escreitor: aquele responsável pela produção e recepção dos discursos online que implicam gestos de escrita, ou seja, ao mesmo tempo que o sujeito escreve também é produtor de algo — ao clicar, curtir, compartilhar etc. O sujeito está inscrito como usuário e leitor daquilo em que está se inscrevendo.

De acordo com Paveau (2021), entende-se que um pensamento ecológico sugere considerar todos os elementos que compõem o discurso e que, consecutivamente, é impossível analisar um enunciado sem considerar que ele está inscrito numa determinada rede de enunciados e que pode produzir uma replicabilidade muito grande. Dessa forma, é possível entender como um movimento social em rede ocorre.

## 2.1 #Replicabilidade e Twitter

Como já dito acima, a ecologia é um conjunto de características e é importante frisar que ela deve ser entendida dentro da Análise do Discurso Digital, isso porque nos ajuda a não aplicar metodologias pré-digitais, já que temos dentro do discurso digital textos verbais e não-verbais, icônicos, clicáveis, com hiperlinks etc. que constroem o contexto e o sentido dado ao ambiente em que está inserido.

Um dos ambientes que apresentam essa característica — e que faz parte do *corpus* escolhido — é o Twitter, uma rede social criada no ano de 2006 e que funciona como um microblog em que os usuários podem interagir de diversas maneiras. Para a confecção do microblog, o usuário utiliza uma caixa de texto da própria plataforma que se limita a 280 caracteres para produzir seus discursos — que chamamos de tuítes. Estes podem ser compostos de elementos como linguagem escrita, símbolos, formas icônicas, emojis, imagens, tecno-palavras clicáveis (hashtag), marcação à conta de outro usuário e links clicáveis (URLs).

A hashtag (precedida pelo símbolo # ou conhecida como “jogo da velha”) será o foco, neste trabalho, que analisará tecno-palavras dentro de um determinado discurso. Sendo assim, uma das coisas que podemos inferir sobre esse elemento é o seu poder de replicabilidade — levando em conta que o discurso produzido não percorre apenas nas conexões do usuário — e a sua função técnica organizadora que permite que o discurso seja pesquisável, possibilitando um fio redocumentável — ou, em outras palavras, rastreável (PAVEAU, 2021).

De acordo com Bruns e Burgess (2015), as hashtags criam canais ou comunidades e organizam discussões distribuídas entre os usuários, o que resulta em eventos tecno-sociais, que utilizam da participação discursiva dos participantes.

O uso dessas hashtags se configuram em um ato tecno-discursivo, pois se cria uma categoria folksonômica (acontecimento, estado mental, avaliação etc). As

hashtags militantes agem como argumento nos discursos digitais e são palavras de conteúdo metadiscursivo, pois funcionam como chamadas aos pré-discursos. Para Anne-Charlotte Husson (2017), as palavras-argumento vão além da função de marcação, afiliação e catalogação, elas empregam sentido ao discurso e trazem um efeito de identidade da conta que produziu os posicionamentos enunciativos.

Husson (2017) também aborda sobre as hashtags denominadas como “palavras-sentença” que permitem categorizar indivíduos, atos e discursos em função da ideologia que constroem ou do que reforçam — neste caso, em uma análise acerca da opressão sistêmica que certos grupos minorizados vivem. Entretanto, certos ativismos de hashtag atingem uma fluidez nas circulações entre o mundo online e offline, campanhas como #BlackLivesMatter e #StopAsianHate surgiram no Twitter, mas foram levadas para o espaço urbano, se livrando de um confinamento online.

### **3. Movimentos sociais na web: racismo e xenofobia**

A internet proporcionou espaços de autonomia, os indivíduos formaram redes a despeito de suas opiniões pessoais ou filiações organizacionais que ajudam a voz do povo se reverberar sem medo. A manifestação da autoconsciência que sempre caracterizou os movimentos sociais agora faz parte nesse mundo cibernético que se espalha pelo planeta e conquista uma difusão mais rápida e viral.

Parto da premissa de que as relações de poder são constitutivas da sociedade porque os que detêm o poder constroem as instituições segundo seus valores e interesses (CASTELLS, 2012, p. 13)

O poder, segundo Castells (2012), é exercido através de uma coerção conquistada pela violência e/ou pelo que determina certa Instituição (como o Governo). As manifestações surgem daí: onde há um movimento de poder, há também um movimento de contrapoder em que os indivíduos desafiam o que lhes foram impostos para que seus valores e interesses sejam ouvidos. A relação de poder e contrapoder andam lado a lado, pois o destino das instituições que controlam a vida das pessoas depende sobre como são vistas por esses indivíduos. Moldar ideologias é mais estável do que utilizar da violência o tempo todo para a obtenção de poder.

A importância e grande influência das tecno-palavras acompanhadas pelas hashtags entra aí: criamos significados para as coisas em uma interação natural e social, a comunicação e o discurso são processos responsáveis pelo compartilhamento desses significados que constroem as produções sociais.

Embora cada indivíduo tenha sua capacidade de interpretação, Castells (2012) diz que esse processo mental é condicionado pelo ambiente e sua mudança afeta diretamente as construções dos significados e poder. Neste caso, o começo do uso da internet e suas plataformas proporcionam uma comunicação em massa e a comunicação de muitas pessoas para receptores do mundo todo.

Segundo Castells (2012), os movimentos sociais são produtores de novos valores e novas formas de organização da sociedade e exercem o contrapoder das instituições detentoras do poder mediante da comunicação autônoma e livre do controle de quem possui o poder. Esses movimentos sociais precisam abrir um espaço público para não se limitarem à internet e é por isso que ocorre as ocupações dos espaços urbanos que desempenham papéis importantes na história das mudanças sociais, porque criam uma comunidade através da aproximação psicológica fundamental para superar o medo dos indivíduos que sabem que em algum momento terão de ultrapassar o limiar da violência causada pelos dominantes em uma tentativa de preservar a própria dominação.

Além disso, os espaços ocupados não necessitam de um significado, pois já carregam um poder simbólico — por exemplo, ruas que evocam memórias de levantes populares que buscavam serem ouvidos e levados em consideração a vontade dos cidadãos ali envolvidos. Sendo assim, a criação desses espaços simbólicos passa a ser política para que ali os cidadãos possam deliberar seus próximos passos para recuperarem seus direitos de representação em conjunto.

Em nossa sociedade atual, o que temos é um espaço público dos movimentos sociais híbrido, constituído pelo espaço urbano e pelo ciberespaço que são formados nas injustiças da sociedade e confrontados por um grupo.

Dito isso, é fácil entender o que motiva manifestações contra o racismo e a xenofobia, como foi o caso das campanhas #BlackLivesMatter e #StopAsianHate. No plano individual, os movimentos sociais são emocionais e passam a ter ação, o medo e o entusiasmo se transformam em aproximação e evitação. No coletivo, os indivíduos superam o medo e o transforma em raiva e indignação porque se identificam, de alguma forma, com quem sofreu a injustiça (ou criam um laço de

empatia). Essa identificação — ou empatia — é criada através do processo de comunicação que desencadeia os eventos e as emoções associadas para que haja essa ação coletiva (CASTELLS, 2012). O legado que os movimentos sociais em rede nos deixam criam uma certa forma de democracia,

[...] movimentos que estão reconstruindo a esfera pública no espaço de autonomia constituído em torno da interação entre localidades e redes da internet, fazendo experiências com as tomadas de decisão com base em assembleias e reconstituindo a confiança como alicerce da interação humana (CASTELLS, 2012, p. 31).

Diante do que entendemos acerca da Análise do Discurso Digital em que os discursos são compostos por elementos tais como a máquina e as tecno-palavras, propomos investigar as hashtags #StopAsianHate e #BlackLivesMatter como movimentos sociais que na materialidade da linguagem, inseridas e oriundas do ambiente digital, promovem ligação entre sujeitos que tem como objetivo comum lutar contra o racismo e a xenofobia. No item seguinte, traçamos um percurso analítico em busca de entender como se dá esse processo.

### **3.1 #BlackLivesMatter**

O movimento *#BlackLivesMatter* surgiu bem antes da fatalidade de George Floyd, cidadão negro que foi morto asfixiado por um policial branco no ano de 2020, nos Estados Unidos. A hashtag que passou a circular em ambiente virtual, foi enunciada em outros momentos como forma de resistência ao racismo.

**Figura 1** - Manifestantes levantam cartazes com "Black Lives Matter" e "Hands up don't shoot" pelo assassinato de Michael Brown, em 2014.



Fonte: Site iTV NEWS<sup>4</sup>

A formação do movimento começou depois que Alicia Garza, ativista negra, escreveu na rede social Facebook “uma carta de amor aos negros”, no ano de 2013, após uma conduta inadequada policial ter assassinado Trayvon Martin, um jovem negro de 17 anos. O assassino de Trayvon Martin foi absolvido pelo crime e, na carta, Garza retratava toda a sua indignação em relação a como as vidas de pessoas negras eram pouco valorizadas. Patrisse Cullors, sua amiga também ativista, compartilhou a mensagem usando a hashtag #BlackLivesMatter que veio a viralizar em várias redes sociais e plataformas de mídia.

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.itv.com/news/2020-06-09/george-floyd-history-of-police-brutality-against-black-people-in-america>. Acesso em: 31 ago. 2022.

**Figura 2** - Black Lives Matter como hashtag.



**Fonte:** Perfil no médium.com<sup>5</sup>

O enunciado que acompanha o símbolo da hashtag está diretamente ligado a realidade cotidiana dos negros americanos, fato que ajudou a chamar a atenção sobre um sistema que consistentemente jogou cidadãos negros à marginalidade. E, mesmo que os EUA se encontrassem no governo do presidente negro Barack Obama, a formação do movimento BLM (Black Lives Matter ou Vidas Negras Importam) suscitou a reforma dos direitos civis da comunidade negra.

A hashtag, então, voltou a circular no ano de 2014 junto a protestos nos EUA contra a brutalidade policial. De acordo com o artigo “Black Lives Matter in Historical Perspective” (2021), de Francis e Wright-Rigueur, um policial da cidade de Ferguson, Darren Wilson, atirou em Michael Brown seis vezes e, quando perguntado pelo júri a razão para tal ato, Wilson testemunhou que Brown “tinha uma cara agressiva e que parecia um demônio”, e que apesar de estar com uma arma, Wilson temia por sua vida. O grande júri então votou para não indiciar Wilson o que, em consequência, trouxe de volta à memória os acontecimentos de um ano atrás.

Protestos eclodiram em Ferguson, as pessoas saíram às ruas discursando “Vidas Negras Importam” e “Mãos para cima, não atire”. Mas, como resposta, a

<sup>5</sup> Disponível em: <https://medium.com/@jexxarah/unarmed-underage-and-underground-99ec12a52cde>. Acesso em: 11 jun. 2022.

polícia se reuniu e resistiu com força e agressividade contra os manifestantes, como se os inimigos daquela “guerra” fossem os cidadãos negros.

Para os protestos de 2020 que marcaram a violência policial contra George Floyd, o *front* dessa vez foi composto por manifestantes brancos que exerceram na prática a luta antirracista. Entretanto, tendo como base um EUA que era governado pelo republicano Donald Trump, os discursos “Todas as Vidas Importam” e “Vidas Policiais Importam”, ditos por uma parcela da comunidade branca (numa visão distorcida sobre igualdade social e racial) também ganharam força como forma de retaliação contra o BLM.

Figura 3 - Protestantes levantam cartazes de "All Lives Matter" e de apoio à polícia, em 2020.



Fonte: Site da CBS News<sup>6</sup>

Em resumo, a campanha mostrou que não se tratava apenas da brutalidade e violência policial, o ano de 2014 deixou claro que o BLM não era simplesmente uma hashtag ou um momento, mas sim um movimento global que tratava sobre a vulnerabilidade da vida negra. Os acontecimentos de 2020 intensificaram que o Black Lives Matter é, sobre como a comunidade negra é deixada de lado pelo Estado sem poder algum, rodeada de violência e privada de direitos humanos

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.cbsnews.com/news/all-lives-matter-black-lives-matter>. Acesso em: 31 ago. 2022.



básicos, e como a sociedade hétero-patriarcal branca trata negros sem dignidade ao mesmo passo que os fetichizam.

### **3.2 #StopAsianHate**

No final de 2019, notícias sobre uma nova doença causada por um coronavírus começaram a aparecer e informações de que o vírus poderia ter surgido na China foram noticiadas por inúmeros portais de notícias e redes sociais. Denominada COVID-19, a doença que provoca uma síndrome respiratória que ataca misteriosamente nosso sistema imunológico acabou se espalhando pelo mundo, causando uma pandemia. A hipótese é que o vírus teria surgido no contato entre um ser humano e um animal infectado (o morcego).

Batizado de modo racista e xenofóbico por alguns líderes políticos como “vírus chinês”, o leste e sudeste asiático foi culpabilizado pelo aparecimento do vírus já que, em uma visão eugenista, são eles quem possuem uma “cultura em que pessoas comem morcegos e cobras e cachorros e coisas assim” (Wu, 2020).

Ao longo da história, crises de saúde relacionadas à pandemias foram associadas à estigmatização de pessoas de ascendência asiática. Os asiáticos-americanos sofreram violência verbal e física motivada por racismo e xenofobia desde o momento em que chegaram à América no final de 1700 até os dias atuais. No nível institucional, o Estado muitas vezes reforçou implicitamente, encorajou e perpetuou essa violência por meio de uma retórica e política intolerante. O COVID-19 permitiu a disseminação do racismo e criou insegurança nacional, aversão a estrangeiros e xenofobia geral, que pode estar relacionada com o aumento dos crimes de ódio anti-asiáticos durante a pandemia. (GOVER, HARPER e LANGTON, 2020, p. 2)

**Figura 4** - Manifestantes levantam cartazes com "Stop Asian Hate" e "Asians are not viruses, racism is", em 2020.



Fonte: Site da NBC Los Angeles<sup>7</sup>

Com isso, pessoas de diferentes nacionalidades e etnias, originárias do leste e sudeste asiático<sup>8</sup>, passaram a sofrer intensamente no ocidente o que foi denominado como “crime de ódio”, já que não envolvia apenas como causa o racismo, havia também o ódio determinado pela crença de que os asiáticos, em geral, eram os responsáveis por disseminar a doença. A xenofobia enraizada junto a uma percepção de que o *status quo* — cuja cadeia hierárquica determina que a branquitude deva permanecer no topo — não poderia ser “quebrado” calhou com a necessidade de afirmação constante sobre quais membros eram aceitos na sociedade e quais não eram.

Asiáticos experienciam a violência e o ódio por parte do ocidente há séculos por conta dos estereótipos disseminados pelo mito do “perigo amarelo”, termo que se refere ao medo dos ocidentais em relação aos asiáticos. Em meados do século XIX, os Estados Unidos começaram a se sentirem ameaçados com a grande imigração asiática (principalmente da China) por questões trabalhistas e de valores

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.nbclosangeles.com/news/local/national-survey-from-stop-aapi-hate-reports-over-10000-hate-incidents-in-under-2-years/2843500>. Acesso em: 31 ago. 2022.

<sup>8</sup> Pessoas com origem no leste da Ásia (chinês, japonês, coreano, okinawa, taiwanês, tibetano) e sudeste da Ásia (bruneiano, birmanês, cambojano, filipino, hmong, indonésio, laosiano, malaio, mien, papua nova-guineense, singaporense, timorense, tailandês, vietnamita).

ocidentais, tal como a religião e política. Os imigrantes aceitavam trabalhar por um salário bem mais inferior do que os americanos recebiam e seus costumes como vestimenta, penteados, a realização de trabalhos que desafiavam os papéis de gênero impostos no ocidente, suas crenças religiosas que não eram aceitas por não serem cristãs e suas características físicas que eram vistas como algo exótico fizeram com que a supremacia branca fosse veementemente contra pessoas brancas se relacionarem com pessoas amarelas, além da criação de propagandas que espalhavam a ideia de que asiáticos queriam dominar o mundo (em um ato de vilania).

Em resumo, todo o processo histórico sobre crime de ódio anti-asiático fez a desigualdade racial e social perdurar e com que fossem mais perceptíveis através da pandemia do COVID-19. No Brasil, asiáticos-brasileiros estão em um limbo em que não são vistos como indivíduos racializados, expostos ao racismo e ao preconceito, ao mesmo tempo que ainda sofrem por serem vistos como “eternos estrangeiros”, não pertencentes a este país. Com o surgimento do coronavírus, ações anti-asiáticas ficaram mais claras e debates envolvendo a violência contra amarelos e seus descendentes finalmente ganharam voz.

**Figura 5** - Tuíte com a hashtag #StopAsianHate.



**Fonte:** Perfil da instituição Barr Foundation no Twitter.<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Disponível em: <https://twitter.com/BarrFdn/status/1372233323242795013>. Acesso em: 31 ago. 2022.

A hashtag #StopAsianHate (algumas vezes acompanhada com outra hashtag, #StopAAPIHate<sup>10</sup>) teve seu surgimento após um estopim. Embora asiáticos já viessem sofrendo com uma violência mais intensa após o surgimento do novo coronavírus, o caso do atirador branco de 21 anos que invadiu três casas de massagem em Atlanta, nos Estados Unidos, e matou 8 asiáticos, sendo 6 mulheres, fez com que o movimento Stop Asian Hate ganhasse força.

#### **4. #BTS; Branquitude, Twitter e Solidariedade antirracista**

Em 2017, na sede da Hebraica, no Rio de Janeiro, Jair Bolsonaro disse: “Eu fui num quilombo. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada. Eu acho que nem para procriador ele serve mais. Mais de R\$1 bilhão por ano é gasto com eles”. Entre o final de 2018 e o início de 2019, viralizou nas redes sociais um vídeo em que Jair Bolsonaro, atual presidente, proferiu: “Alguém já viu algum japonês pedindo esmola? É uma raça que tem vergonha na cara!”. Em contrapartida, no ano de 2020, Bolsonaro usou uma retórica anti-China incansáveis vezes em que culpou o país pela pandemia e disse múltiplas vezes que não compraria vacinas produzidas por chineses por conta da sua origem.

Apenas este primeiro parágrafo daria um longo estudo, mas para nos mantermos fiéis aos objetivos desta pesquisa iremos nos atentar a alguns pontos. O destaque se deve a uma visão geral do que esses discursos eugenistas representam na sociedade brasileira. Dado o histórico de grande violência e preconceito contra a comunidade negra e indígena no país, a comunidade asiática acaba sendo esquecida e não associada como vítima de crimes de ódio. Porém, isso se deve ao movimento criado pela branquitude que instrumentaliza o asiático e os usam como engrenagem para o racismo estrutural.

Explicando, as falas de Jair Bolsonaro expostas acima traçam bem a linha de pensamento que estou tentando construir aqui. No Brasil, asiáticos são a “minorias modelo”, trabalham duro e estudam muito (de forma calada). Dentro do gradiente racial, ocupam um lugar entre os brancos e os negros e, como resultado, a branquitude utiliza disso para moldar o racismo contra outras minorias ao mesmo

---

<sup>10</sup> AAPI (ou Asian American and Pacific Islander) é uma sigla que se estende à comunidade Asiática-Americana e das Ilhas Pacíficas, nos Estados Unidos.

tempo em que deixa a comunidade amarela dentro de uma caixinha que os diferencia da comunidade branca.

Voltando às falas de Bolsonaro, podemos dizer que ele utilizou dessa estratégia para deixar subentendido o preconceito contra a comunidade negra, mas logo em seguida, utilizou do preconceito para lembrar ao mundo de que os asiáticos são um outro povo (e culpados pela pandemia).

Toda essa introdução foi para trazer à tona, de modo mais familiarizado a quem está a ler, como a comunidade preta e amarela se encontram dentro do aspecto do racismo em nosso país. Mas, enquanto aqui no Brasil a comunidade asiática ainda luta por sua identidade, nos Estados Unidos pretos e amarelos já, há muito tempo, lutam lado a lado contra os crimes de ódio.

Nos anos de 1960, Huey Newton, cofundador do Partido dos Panteras Negras — criado em defesa aos afro-americanos e ao combate contra a violência policial — havia sido preso após ter sido acusado de ter assassinado um policial. Na época, o ativista nipo-americano, Richard Aoki, se juntou ao partido, participou de diversas manifestações e falou, a pedido dos Panteras, sobre os crimes de ódio enfrentados pela comunidade asiática. Os fundadores dos Panteras Negras entendiam que o racismo contra amarelos estava ligado ao racismo contra os negros e que ambas as comunidades eram oprimidas pela supremacia branca. Foi aí que o movimento “Yellow Peril supports Black Power” (perigo amarelo apoia o poder negro) nasceu.

**Figura 6** - Yellow Peril supports Black Power.



**Fonte:** Centro Internacional de Fotografia<sup>11</sup>

Voltando para o ano de 2020, o movimento “Yellow Peril supports Black Power” tentou ressurgir logo que o Black Lives Matter ganhou destaque, mas foi vetado assim que o conceito de Solidariedade Antirracista se tornou mais conhecido. Falar sobre o movimento dos anos 1960 iniciado por Richard Aoki é o pontapé para chegarmos ao entendimento sobre o que é solidariedade antirracista, por que o YPSBP não fazia mais sentido no ano de 2020 e onde o BTS se encaixa nessa história.

Na época em que o YPSBP foi criado, a intuição era se unir contra a violência policial e ajudar a dar voz à comunidade negra, mas em 2020 o movimento BLM carregava outro sentido e contexto (mesmo que algumas das reivindicações ainda fossem as mesmas dos anos de 1960). Muitos amarelos compreendem que, mesmo

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.icp.org/browse/archive/objects/yellow-peril-supports-black-power-oakland-california>. Acesso em: 31 ago. 2022.

sendo vítimas da supremacia branca, acabam desempenhando certo privilégio que negros não possuem (tal qual a “minoridade modelo” já explicitada).

A questão era: “como os privilégios de pessoas amarelas podem contribuir com o combate ao racismo contra negros?”. O movimento YPSBP colocava asiáticos também como protagonistas e é por isso que não era o mais adequado para o recente momento. A solidariedade antirracista acontece quando asiáticos colocam suas dores um pouco de lado para lutarem a favor da outra minoria e para colocarem em prática políticas que protegem a existência de pessoas negras.

Em 2021, também pudemos ver a solidariedade antirracista por parte da comunidade negra assim que crimes de ódio contra amarelos começaram a acontecer com mais frequência e intensidade.

Donos de uma grande influência e alcance de voz, o grupo BTS, em 4 de junho de 2020, postou em seu perfil do Twitter o seguinte texto: “Somos contra a discriminação racial. Condenamos a violência. Você, eu e todos nós temos o direito de sermos respeitados. Permaneceremos juntos. #VidasNegrasImportam” (tradução nossa).

Figura 7 - Tuíte do BTS sobre o BLM.



Fonte: Perfil no Twitter do BTS.<sup>12</sup>

Via memória, é possível detectar distribuídos no ambiente elementos que transmitem e sustentam a propagação dos pré-discursos utilizados por BTS ao realizarem esse tuíte ou, em outras palavras, quais as anterioridades em voga. Explicando, segundo Paveau (2013), os pré-discursos fazem parte dos contextos materiais para a produção de um discurso e, por isso, é possível inferir que o enunciador detém informações prévias.

Para Paveau (2013), os pré-discursos não se encontram apenas na cabeça dos indivíduos, a autora teoriza que as anterioridades seriam de cunho sociológico e cultural. Ademais, são esses conjuntos de quadros pré-discursivos (saberes, crenças e práticas) que auxiliam para a produção e interpretação do sentido de determinado discurso.

As anterioridades (ou informações prévias) desempenham um papel importantíssimo para entendermos mais sobre o discurso, seu agente e,

<sup>12</sup> Disponível em: [https://twitter.com/bts\\_twt/status/1268422690336935943](https://twitter.com/bts_twt/status/1268422690336935943). Acesso em: 05 jul. 2022.



consequentemente, o contexto e o que se pode interpretar através dele. Em sua obra, Marie-Anne Paveau fala sobre a relação entre ética e linguagem e, através disso, tenta encontrar o que ela chama de aspectos virtuosos no discurso.

Para sintetizar, a virtude discursiva é uma disposição do enunciador para produzir discursos que se ajustam aos valores de quem enuncia e de quem recebe o discurso em um modo a se integrar à memória discursiva em determinado período histórico. Os enunciadores avaliam suas falas e antecipam os efeitos que podem produzir, é por isso que Paveau reitera que o sujeito-agente não é assujeitado. E é isso que podemos ver no primeiro tuíte do grupo BTS.

O BTS não desempenha apenas a solidariedade antirracista, eles possuem conhecimentos prévios sobre o momento histórico atual (a campanha BLM) e sabem sobre o preconceito que a comunidade negra passa há muito tempo. Eles esquecem suas dores por serem também uma minoria que estava no foco de agressores e, com seu alcance, volta a atenção para o Black Lives Matter e a luta pelos direitos civis de pessoas negras de todo o mundo.

Como esperado, o objetivo de levar a mensagem para mais pessoas deu certo. Além de terem feito uma doação de US\$ 1 milhão, os fãs conseguiram superar o valor para US\$ 1,2 milhão em doação, sem contar o poder de replicabilidade do tuíte que levou para outras pessoas o saber sobre a existência da hashtag.

Agora que a noção de pré-discurso já foi posta, fica mais claro entender o tuíte criado pelos 7 artistas em 29 de março de 2021.

Figura 8 - Tuíte do BTS sobre o SAH.



Fonte: Perfil do BTS no Twitter.<sup>13</sup>

O tuíte em questão nos apresenta duas capturas de tela com um único texto em duas versões: um em coreano e o outro traduzido para o inglês. A utilização das hashtags foram feitas especialmente no espaço destinado para escrever do Twitter para que assim a postagem fosse rastreável, um instrumento para que as demais pessoas entendessem o que estava acontecendo através de outras postagens e, obviamente, para atuarem como manifestantes da causa.

O texto que precisou ir em formato de imagem, pois ultrapassa o número máximo de caracteres que o Twitter permite, diz o seguinte:

Enviamos nossas mais profundas condolências àqueles que perderam seus entes queridos. Sentimos tristeza e raiva. Lembramos de momentos em que enfrentamos discriminação como asiáticos. Suportamos palavrões sem motivo e fomos ridicularizados por nossa aparência. Fomos até questionados porque asiáticos falavam em inglês. Não conseguimos colocar em palavras a dor de nos tornarmos objeto de ódio e violência por tal motivo. Nossas próprias experiências são irrelevantes em comparação aos eventos que ocorreram nas últimas semanas. Mas essas experiências foram

<sup>13</sup> Disponível em: [https://twitter.com/bts\\_twt/status/1376712834269159425](https://twitter.com/bts_twt/status/1376712834269159425). Acesso em: 06 jul. 2022.

suficientes para nos fazer sentir impotentes e destruir nossa autoestima.

O que está acontecendo agora não pode ser dissociado de nossa identidade como asiáticos. Levamos um tempo considerável para discutirmos isso com cuidado e refletirmos profundamente sobre como devemos expressar nossa mensagem.

Mas o que nossa voz deve transmitir é claro.

Nós somos contra a discriminação racial. Condenamos a violência. Você, eu e todos nós temos o direito de sermos respeitados. Nós iremos permanecer juntos.

Para Paveau (2013), além dos pré-discursos serem constituídos por uma coletividade, crenças e intersubjetividade, há mais uma característica que opera as anterioridades e que cabe bem para esse segundo tuíte do grupo BTS: a experiencialidade.

Por serem constituídos por enquadres sociais, de conhecimento, crença e outros elementos que se encontram na anterioridade, em uma perspectiva sociocognitiva da memória, podemos dizer que é possível inferir que é através de suas vivências que os membros do BTS puderam gerar os pré-discursivos acerca da sociedade em que estão integrados e do grupo social em que fazem parte

O discurso do BTS em relação ao Stop Asian Hate é repleto de relatos e vivências enquanto indivíduos amarelos dentro da atual sociedade em que vivem. Aqui, eles não exercem a solidariedade antirracista porque também falam por si, como se se apoderassem do front da manifestação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com a criação dos dois movimentos sociais por meio da internet e do ambiente digital, um ponto sempre ganhou destaque pela grande maioria: são campanhas sobre e para negros e amarelos e ninguém mais. É importante salientar que é assim não apenas por conta do que chamamos de “fragilidade branca” (DiAngelo, 2018). Para a autora e analista-crítica do discurso, a fragilidade branca se nota em um contexto de tensão racial quando o indivíduo branco toma a crítica e a problematização sobre a questão racial como um ataque pessoal e não como uma crítica que está em um contexto amplo. Essa fragilidade proporciona às pessoas brancas um mecanismo de defesa que nega a existência do racismo.

Linguisticamente falando, relatos que acompanham as hashtags são constituídos por enunciações com certos pré-discursos que, para serem

compreendidos por outros indivíduos, é necessário que haja uma intersecção entre as anterioridades de quem fala e de quem recebe o discurso. Dessa forma, uma pessoa branca, por exemplo, acaba não sendo o alvo principal da questão justamente porque essa intersecção não ocorre.

Vem daí o porquê das campanhas falarem mais sobre a estruturação do racismo do que sobre pessoas brancas de fato. As hashtags, por meio dos tecno-discursos, deixam de ser apenas frases possíveis de rastreamento e se tornam parte de nossa memória discursiva e um novo sinônimo de resistência e de luta pela própria existência.

O grupo BTS pode ser simbolicamente entendido como quem movimenta as redes contra o racismo e a xenofobia ao colocar em circulação hashtags que ganham replicabilidade e se espalham pelas redes sociais, em especial, o Twitter. As duas hashtags alavancadas pelo BTS tanto ocupam o espaço do digital como do pré-digital, elas ganham as ruas com cartazes, por exemplo.

## REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

VILARINHO, Sabrina. Discurso. **Mundo Educação**. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/redacao/discurso.htm#:~:text=Discurso%20%C3%A9%20toda%20situa%C3%A7%C3%A3o%20que,indireto%20e%20discurso%20in%20direto%20livre>. Acesso em: 10 mar. 2022.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 13. ed. Campinas, SP: Pontes, 2020.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança. Movimentos sociais na era da Internet**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 271 páginas, 2013.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do Discurso Digital: Dicionário das Formas e das Práticas**. Campinas: Pontes, 2021.

PAVEAU, Marie-Anne. **Os Pré-Discursos: Sentido, Memória, Cognição**. Campinas: Pontes, 2013.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

PINTO, Rosalice; CORTEZ, Suzana L.; FARIAS, Jailine M. S. **O gênero apresentação de trabalho em eventos científicos do offline ao digital: que implicações textuais-discursivas possíveis?**. *Calidoscópio*, 19(3): 409-421. 10.4013/cld.2021.193.09.

RICKFORD, Russell. **Black Lives Matter: Toward a modern practice of mass struggle**. New Labor Forum, 2016.

FRANCIS, Megan M.; WRIGHT-RIGUCUR, Leah. **Black Lives Matter in historical perspective**. *Annual review of law and social science*, 2021.

GOVER, Angela R.; HARPER, Shannon B.; LANGTON, Lynn. **Anti-Asian Hate Crime During the COVID-19 Pandemic: Exploring the Reproduction of Inequality**. American Journal of Criminal Justice, 2020.

TAKAHASHI, Henrique Y. Sorriso amarelo ou os tamagotchis da branquitude e a luta antirracista. **Le Monde Diplomatique Brasil**. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/sorriso-amarelo-ou-os-tamagotchis-da-branquitude-e-a-luta-antirracista>. Acesso em: 20 jun. 2022.

WU, Nicholas. GOP senator says China 'to blame' for coronavirus spread because of 'culture where people eat bats and snakes and dogs'. **USA Today**. Disponível em: <https://www.usatoday.com/story/news/politics/2020/03/18/coronavirus-sen-john-cornyn-says-chinese-eating-bats-spreadvirus/2869342001>. Acesso em: 20 jun. 2022.

**Análise do Discurso Digital proposta por Marie-Anne Paveau: dos pré-discursos aos tecnodiscursos**. Conferência apresentada por Roberto Leiser Baronas, Ana Carolina Vilela-Ardenghi e Júlia Lourenço Costa sob moderação de Mariana Luz Pessoa de Barros, 2020. 1 vídeo (2h 14min 10s). Publicado pelo canal da Associação Brasileira de Linguística. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nt4vQChkW-g>.

FLECK, Giovana; SANTOS, Marina C. A retórica anti-China de Bolsonaro estaria alimentando o ódio contra asiáticos no Brasil?. **GlobalVoices**. Disponível em: <https://pt.globalvoices.org/2021/03/28/a-retorica-anti-china-de-bolsonaro-estaria-alimentando-o-odio-contra-asiaticos-no-brasil>. Acesso em: 04 jul. 2022.

WEIK, Taylor. The history behind 'Yellow Peril Supports Black Power' and why some find it problematic. **NEWS**. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/news/asian-america/history-behind-yellow-peril-supports-black-power-why-some-find-n1228776>. Acesso em: 04 jul. 2022.

DIANGELO, Robin. **Fragilidade branca**. Revista ECO-Pós, 21(3), 35-57. doi:10.29146/eco-pos.v21i3.22528.